

Nome: Edson José Ramon
Nascimento: 11/09/1949, em Curitiba-PR
Estado civil: casado com Elvira Scarpin Ramon
Formação: Direito
Atividade atual: empresário, presidente da Associação Comercial do Paraná

Edson José Ramon

Sua diversão é o trabalho

Seria inadequado chamar Edson José Ramon de “workaholic”, porque esse descendente de espanhóis e italianos não tem com o trabalho uma relação conturbada e cheia de ônus como acontece com as relações viciosas. Ao contrário: ele tem prazer em trabalhar, mas, quando está longe de suas atividades profissionais, aproveita para divertir-se com outras coisas que lhe dão gosto – como ir para sua fazenda, cavalgar e viajar. Gosta dos Estados Unidos, especialmente de Miami, mas prefere a Europa, elegendo como destinos mais agradáveis Paris e o interior da Alemanha. Se hoje pode dar-se ao deleite de apreciar a culinária *gourmet*, destacando pratos com trufas brancas acompanhados com um bom vinho Barolo, é porque conseguiu construir seu patrimônio à custa de muito – e constante – trabalho, desde os 14 anos.

Seus avós paternos eram espanhóis da Andaluzia, os bisavós maternos eram italianos de Pádua. Seu pai, José Antônio Ramon, nasceu em Curitiba, e a mãe, Arilda Scarante Ramon, em Piraquara. Primogênito do casal, que teve outras duas filhas, Edson veio ao mundo em 11 de setembro de 1949, em Curitiba. Começou seus estudos no Grupo Escolar Conselheiro Zacarias, na esquina da Rua Ubaldino do Amaral com a Rua Itupava, perto do estádio do Coritiba, seu time do coração. A partir do quarto ano primário, foi para o tradicional colégio marista Santa Maria, onde permaneceu até o final do ginásio. Coursou em seguida, à noite, a Escola Técnica de Contabilidade da Universidade Federal do Paraná. Durante o dia, trabalhava na loja do pai, a Auto-Parana, depois transformada em Docelar.

ESTUDOS

Sem nunca deixar o trabalho, cursou Direito na Universidade Católica do Paraná (hoje Pontifícia), formando-se em 1972. Fez ainda pós-graduação em Administração na Faculdade Católica de Administração e Economia (FAE) e também em Administração na Fundação Dom Cabral, curso que faz questão de qualificar como o melhor que frequentou e que incluía parte dos estudos em Fointainebleau, na França.

Na empresa paterna, fez de tudo: foi vendedor, entregador, motorista... Trabalhou com a aprovação de crédito para os clientes. Diz que procurava no histórico do cliente “dados para aprovar o crédito, e não para recusar, como fazem hoje os bancos”. E aproveita para criticar a política de

crédito incentivada pelo governo, que estimula o consumidor a endividar-se, mas não garante crédito para as pequenas e médias empresas, submetidas a juros extorsivos. Apenas as microempresas (apoiadas por políticas específicas) e as grandes empresas conseguem juros menores, enquanto o grande universo composto pelas empresas de pequeno e médio porte tem enormes dificuldades para obter qualquer empréstimo.

Sua infância de trabalho e estudo também tinha, é claro, espaço para o lazer. Edson morou boa parte da vida na Rua da Paz e, quando chegava da escola, pegava um pão d'água quentinho com manteiga e ia logo para um terreno baldio onde jogava bola diariamente com os vizinhos. Esses vizinhos foram seus amigos de infância e, recentemente, Edson buscou resgatar as velhas amizades, conseguindo encontrar 15 antigos companheiros de bola para promover um almoço na sua fazenda no município de Porto Amazonas, na região dos Campos Gerais, “a mais bonita do país”, defende ele. Na propriedade de 217 alqueires, ele cria gado angus e cavalos crioulos e planta soja.

FAMÍLIA

Casado há mais de 40 anos com Elvira Scarpin Ramon, Edson tem três filhos. O mais velho, Fábio, de 41 anos, trabalha na revenda Honda do pai. É formado em Administração Rural e cuida também dos empreendimentos agropecuários da família. Casado com Juliana, tem dois filhos, Martin e Lara. Rafael, de 39 anos, é advogado especializado em direito empresarial, com vasta formação internacional que inclui cursos de especialização em Berkeley, Saint Louis e Madri e mestrado em Chicago. É conselheiro das empresas da família. Casado com Natália, não tem filhos. O filho mais novo, João, de 34 anos, é graduado em Jornalismo, com pós-graduações em Paris e Barcelona. Vive em Brasília, onde trabalha como assessor parlamentar do PSD no Congresso Nacional.

Desde menino, Edson José Ramon teve como objetivo continuar a obra do pai, seu mestre e ídolo, que lhe transmitiu o amor ao trabalho. Hoje, a família tem uma *holding*, a GER, que participa de vários negócios: a Fibrasa (com unidades em Recife-PE e Vitória-ES), fábrica de embalagens para alimentos cujo carro-chefe é a produção de baldes industriais (especialmente para tintas) e embalagens para margarina e iogurte; a Plásticos Paraná (em Curitiba-PR), pioneira no setor de rafia (fio de polipropileno utilizado em tecelagem de plásticos para produção de sacaria e lonas); a rede de concessionárias Honda, com nove unidades da Hobby e da Motonda, lojas de vendas de motocicletas em Curitiba e Região Metropolitana. Além disso, participa também de alguns empreendimentos imobiliários. O grupo tinha ainda a construtora Plaspar, hoje inexistente, que fez muitos empreendimentos, mas foi abandonada por não fazer parte da vocação da família.

A antiga loja do pai, Auto-Paraná (depois Docelar), foi fechada na década de 1980. Apesar de sua ligação afetiva com a loja, Ramon diz que não hesitou em fechá-la, alegando não ter apego nenhum a coisas materiais. “Quando percebo que uma empresa não tem perspectivas, fecho sem dó.

Se durante a tempestade não há perspectiva de calmaria, é melhor sair fora, para não comprometer o patrimônio”, justifica.

Recordando os tempos da Auto-Paraná, Edson Ramon lembra que, com 18 anos, passou a fazer sozinho as compras da empresa. E traçou um plano ousado: dispôs-se a quintuplicar o patrimônio líquido da empresa em três anos e assim o fez, o que considera sua primeira grande conquista empresarial. Como a empresa cresceu demais, chamou um consultor, o português Sidónio Muralha, para avaliar as perspectivas de ampliação. Muralha perguntou-lhe o que pretendia, e Edson respondeu: transformar a Auto-Paraná em uma grande empresa. O consultor aconselhou então: “É muito melhor ter um monte de fragatas que um único e grande navio. Se uma delas tiver que ir ao estaleiro, as outras continuam. Se o grande navio for ao estaleiro, tudo para.” A partir de então, Ramon começou a diversificar os negócios familiares.

RELIGIÃO

Apesar da formação familiar católica, Ramon tornou-se espírita kardecista, opção tomada racionalmente após anos de estudo na Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas. Afirma que, como reflexo da doutrina espírita na sua vida, tem uma acentuada percepção do agenciamento do aspecto social como instrumento de evolução biopsicoespiritual. “Tenho consciência de que minhas empresas não podem visar apenas ao lucro, mas devem ser instrumento de evolução humana e espiritual”, afirma, explicando que dar empregos faz parte dessa visão. “Tudo vale a pena se fizermos com alegria de viver e contribuirmos com o próximo”, defende. Em uma mesa na sala da presidência da Associação Comercial do Paraná, mantém um exemplar da Bíblia sempre aberto.

Homem habituado aos embates da vida laboral, Edson Ramon começa o dia de trabalho alimentando a alma de música. Diariamente, ouve música clássica durante o café da manhã, principalmente Mozart, Händel e Haydin. Mas se prevê um dia difícil, troca-os por Beethoven, cujas composições, segundo ele, preparam para a luta e dão energia.

VISÃO DO BRASIL

Edson José Ramon está na segunda gestão como presidente da ACP. Antes, foi durante nove anos presidente da Associação dos Fabricantes de Fibras Poliolefinicas (Afipol). Como representante da classe empresarial, tem uma visão crítica da situação brasileira. Para ele, o país tem um problema endêmico e sintomático: a falta de investimentos do governo federal em tecnologia, pesquisa, educação e infraestrutura. “O Brasil não pode crescer mais com a estrutura de hoje”, reclama, defendendo que o país precisa crescer pelo menos 4% ao ano para dar um salto qualitativo. “O Brasil precisa urgentemente de um choque de investimento. E de uma nova cultura do poder público”, prega o empresário.

Avesso à excessiva intervenção estatal na economia, acredita que o Estado brasileiro não deve ser um estado de produção: precisa ser um Estado que monitora, rege, fiscaliza, ordena e estimula. A produção, salvo exceções estratégicas, tem que estar na iniciativa privada. O incentivo governamental ao consumo tem que ser paralelo ao estímulo à produção, o que não tem acontecido, lamenta ele. Entretanto, Edson Ramon declara-se otimista. “Acho que a médio e longo prazo vamos partir para isso. O problema é atravessar o mar tempestuoso agora. É preciso ter muita arte na gestão”, ensina, com o conhecimento de causa de quem passou a vida toda gerindo negócios de sucesso.